

ISABEL
ALLENDE

O AMANTE
JAPONÊS

Tradução de
Ângela Barroqueiro

O amante japonês

Isabel Allende

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

El amante japonés

© 2015, Isabel Allende

Design da capa: © Evan Gaffney Design

Adaptação para a versão portuguesa: XPTO Design

Imagens da capa: © Corbis / VMI, © Mary Evans Picture Library / AIC

1.ª edição: outubro de 2015

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 395700/15
ISBN 978-972-0-04774-8



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

*Para os meus pais, Panchita e Ramón,
anciãos sábios.*

*Detém-te, sombra do meu amor esquivo,
imagem do feitiço que mais quero,
bela ilusão por quem alegre morro,
doce ficção por quem em pena vivo.*

*(Detente, sombra de mi amor esquivo,
imagen del hechizo que más quiero,
bella ilusión por quien alegre muero,
dulce ficción por quien penosa vivo.)*

Sóror Juana Inés de La Cruz

Lark House

Irina Bazili começou a trabalhar na Lark House, nos arredores de Berkeley, em 2010. Acabara de fazer vinte e três anos e tinha poucas ilusões, pois andava, desde os quinze anos, a saltitar de emprego para emprego e entre uma cidade e outra. Estava longe de imaginar que iria encontrar a acomodação perfeita nesta residência para a terceira idade e que, nos três anos seguintes, chegaria a ser tão feliz como na sua infância, antes de o destino lhe ter virado a vida do avesso. A Lark House, fundada em meados de 1900 para acolher anciãos com baixos rendimentos, desde o início atraiu, por razões desconhecidas, intelectuais progressistas, esotéricos decididos e artistas de pouca importância. Com o passar do tempo, mudou em vários aspetos, mas continuava a cobrar prestações adequadas aos ganhos de cada residente, para, em teoria, fomentar uma certa diversidade social e racial. Na prática eram todos brancos e da classe média e a diversidade estava nas diferenças subtis entre livres-pensadores, seguidores de caminhos espirituais, ativistas sociais e ecológicos, niilistas e alguns dos poucos hippies que ainda estavam vivos na baía de São Francisco.

Na primeira entrevista, o diretor dessa comunidade, Hans Voigt, explicou a Irina que ela era demasiado jovem para um lugar de tanta responsabilidade, mas como tinha de preencher

urgentemente uma vaga no departamento de administração e assistência, ela podia ser a substituta até conseguirem encontrar a pessoa adequada. Irina pensou que o que Hans Voigt dizia dela poderia dizer-se dele: parecia um miúdo gorducho com calvície prematura, para quem a responsabilidade de administrar aquele lugar era excessiva. Com o tempo, a jovem verificaria que o aspeto de Voigt à distância e com má luminosidade enganava, pois na verdade tinha cinquenta e quatro anos e dera mostras de ser um excelente administrador. Irina garantiu-lhe que a sua falta de habilitações era compensada pela experiência no cuidado de anciãos na Moldávia, o seu país natal.

O sorriso tímido da candidata sensibilizou o diretor, que se esqueceu de lhe pedir uma carta de recomendação e passou de imediato a enumerar as obrigações do cargo; podiam ser resumidas em poucas palavras: facilitar a vida aos hóspedes dos segundo e terceiro níveis. Os do primeiro não faziam parte das incumbências dela, pois viviam de forma independente, como inquilinos de um edifício de apartamentos, nem os do quarto nível, designado de forma muito adequada Paraíso, porque esses aguardavam a sua passagem para o céu, passando a maior parte do tempo a dormir e não necessitavam do tipo de serviço que ela deveria oferecer. Irina deveria acompanhar os residentes às consultas de médicos, advogados e contabilistas, ajudá-los no preenchimento dos formulários da segurança social e dos impostos, acompanhá-los às compras e outras tarefas semelhantes. Com os do Paraíso, a única relação que teria seria organizar os seus funerais, para o que receberia instruções pormenorizadas de acordo com cada caso, disse-lhe Hans Voigt, porque os desejos dos moribundos nem sempre coincidem com os dos familiares. Entre os habitantes da Lark House havia diversas crenças e os funerais costumavam ser cerimónias ecuménicas algo complicadas.

Explicou-lhe que apenas o pessoal doméstico, de cuidados e enfermagem era obrigado a usar uniforme, embora existisse um código tácito de vestimenta para os restantes funcionários; o decoro e o bom gosto eram os critérios relativamente a esse assunto. Por exemplo, a t-shirt estampada com Malcolm X que Irina tinha vestida era inapropriada para a instituição, disse de forma enfática. Na verdade a efígie não era de Malcolm X, era de Che Guevara, mas ela não o corrigiu, porque supôs que Hans Voigt nunca tinha ouvido falar do guerrilheiro, que meio século após a sua epopeia continuava a ser venerado em Cuba e por uma mão-cheia de radicais de Berkeley, onde ela vivia. A t-shirt custara-lhe dois dólares numa loja de roupa em segunda mão e estava quase nova.

– Aqui é proibido fumar – advertiu-a o diretor.

– Eu não fumo nem bebo, senhor.

– É saudável? Isso é importante no contacto com os anciãos.

– Sim.

– Há algum aspeto sobre si de que eu deva ter conhecimento?

– Sou viciada em jogos de vídeo e romances de mistério. Do tipo, Tolkien, Neil Gaiman, Philip Pullman. Além disso, trabalho a lavar cães, mas isso não me ocupa muitas horas.

– Aquilo que faz nos seus tempos livres é consigo, menina, mas no seu trabalho não pode distrair-se.

– É evidente. Oiça, senhor, se me der uma oportunidade, verá que tenho muito jeito com as pessoas idosas. Não vai arrepende-se – disse a jovem com fingida altivez.

Assim que a entrevista terminou, o diretor mostrou-lhe as instalações que acolhiam duzentas e cinquenta pessoas com uma média de idade de oitenta e cinco anos. Lark House fora em tempos a magnífica propriedade de um magnata do chocolate, que a doou à cidade e deixou uma generosa quantia

para a financiar. Era composta pela mansão principal, um palacete pretensioso onde se situavam os escritórios, e as áreas comuns, a biblioteca, a cantina e as salas para as atividades, e uma série de agradáveis edifícios, revestidos com telhas de madeira, que se harmonizavam com o parque, aparentemente selvagem, mas na realidade bem cuidado por uma equipa de jardineiros. Os edifícios dos apartamentos independentes e os que albergavam os residentes dos segundo e terceiro níveis estavam ligados entre si por largos corredores cobertos, para se circular com cadeiras de rodas a salvo dos rigores do clima, e com paredes laterais de vidro, para se poder apreciar a natureza, o melhor bálsamo para as tristezas, em qualquer idade. O Paraíso, uma construção de cimento isolada, se não estivesse completamente coberto por heras trepadeiras, destoaria completamente do resto. A biblioteca e a sala de jogos podiam ser utilizadas a qualquer hora; o salão de beleza tinha horário flexível e nas salas de formação havia uma oferta de diversos *ateliers*, desde pintura até astrologia, para aqueles que ainda almejavam surpresas do futuro. Na Loja de Objetos Esquecidos, como rezava o letreiro sobre a porta, atendida por senhoras voluntárias, vendia-se roupa, móveis, joias e outros tesouros descartados pelos residentes ou deixados para trás pelos defuntos.

– Temos um excelente clube de cinema. Fazemos projeção de filmes três vezes por semana na biblioteca – disse Hans Voigt.

– De que género de filmes? – perguntou-lhe Irina, com a esperança de que fossem de vampiros e de ficção científica.

– A seleção é feita por um comité e dão preferência aos *thrillers*, adoram os de Tarantino. Aqui há um certo fascínio pela violência, mas não se assuste, percebem que é ficção e que os atores reaparecerão noutros filmes, bem e de boa saúde. Podemos dizer que é uma válvula de escape. Um número

considerável dos nossos hóspedes fantasia com a ideia de assassinar alguém, geralmente da sua família.

– Eu também – replicou Irina sem vacilar.

Pensando que era uma brincadeira da jovem, Hans Voigt riu-se agradado; apreciava quase tanto o sentido de humor como a paciência entre os seus funcionários.

No parque de árvores antigas corriam esquilos e um número pouco habitual de veados. Hans Voigt explicou-lhe que as fêmeas pariam e criavam ali os pequenos cervos até que estes chegavam à idade de sobreviverem sozinhos, que a propriedade era também um santuário de pássaros, especialmente de cotovias, e daí a origem do nome: Lark House, casa das cotovias. Existiam várias câmaras colocadas estrategicamente de forma a vigiar os animais na natureza e, por acréscimo, os idosos que pudessem perder-se ou magoar-se; no entanto, a Lark House não possuía medidas de segurança. De dia as portas estavam abertas e apenas havia dois seguranças desarmados que faziam a ronda. Eram polícias reformados, um de setenta e outro de setenta e quatro anos, respetivamente; não era necessário mais porque nenhum meliante iria perder o seu tempo a assaltar velhos sem rendimentos. Cruzaram-se com duas mulheres em cadeira de rodas, com um grupo que transportava cavaletes e caixas de pintura para uma aula ao ar livre e com alguns hóspedes que passeavam cães tão estropiados como eles. A propriedade ficava na margem da baía e quando a maré subia era possível andar de caiaque, como faziam alguns dos residentes que não tinham ainda sido derrotados pelos achaques. «Era assim que eu gostava de viver», suspirou Irina, inspirando profundamente o doce aroma dos pinheiros e loureiros e comparando aquelas agradáveis instalações com as guaridas insalubres por onde ela deambulava desde os quinze anos.

– Por último, menina Bazili, devo mencionar-lhe a questão

dos fantasmas, porque certamente será a primeira coisa que lhe dirá o pessoal haitiano.

– Não acredito em fantasmas, senhor Voigt.

– Felicito-a por isso. Eu também não. Os de Lark House são uma mulher com um vestido de tule cor-de-rosa e um menino de três anos. É Emily, a filha do magnata do chocolate. A pobre Emily morreu de tristeza quando o filho dela se afogou na piscina, no final dos anos quarenta. Depois dessa tragédia, o magnata abandonou a casa e criou a fundação.

– O menino afogou-se na piscina que me mostrou?

– Nessa mesma. E, que eu saiba, não morreu mais ninguém lá.

Irina muito em breve iria alterar a sua opinião sobre os fantasmas, ao descobrir que muitos dos idosos estavam permanentemente acompanhados pelos seus mortos; Emily e o filho dela não eram os únicos espíritos residentes.

Na manhã seguinte, Irina apresentou-se ao trabalho com as suas melhores calças de ganga e com uma t-shirt discreta. Verificou que o ambiente da Lark House era descontraído sem cair na negligência; assemelhava-se mais a uma residência universitária do que a um lar de idosos. A comida era parecida com a de um qualquer restaurante respeitável da Califórnia: dentro dos possíveis feita com alimentos de cultura biológica. O serviço era eficiente e o de cuidados e de enfermagem era tão amável quanto se pode esperar nestes casos. Aprendeu em poucos dias os nomes e as manias dos seus colegas e dos residentes a seu cargo. As frases em francês e em espanhol que conseguiu memorizar serviram-lhe para ganhar o apreço do pessoal, proveniente quase em exclusivo do México, Guatemala e Haiti. O salário não era muito alto, tendo em conta o trabalho duro que desempenhavam, porém poucos faziam cara feia. «É preciso mimar as avozinhas, mas sem lhes faltar ao respeito. O mesmo se aplica aos avozinhos, mas a eles não se lhes pode dar muita confiança, porque

ficam tolos», recomendou-lhe Lupita Fárias, uma mulher baixinha com cara de escultura olmeca, chefe da equipa de limpeza. Como estava há trinta e dois anos na Lark House e tinha acesso aos quartos, Lupita conhecia intimamente cada ocupante, sabia como eram as suas vidas, adivinhava os seus mal-estares e apoiava-os nas suas tristezas.

– Fica atenta às depressões, Irina. Aqui são muito frequentes. Se te aperceberes de que alguém está isolado, anda muito triste, fica na cama sem motivos ou deixa de comer, vens imediatamente avisar-me, percebeste?

– O que fazes nesses casos, Lupita?

– Depende. Acaricio-os, agradecem sempre, pois os velhos não têm quem lhes toque, e vicio-os numa série de televisão; ninguém quer morrer antes de ver o final. Alguns sentem-se aliviados a rezar, mas aqui há muitos ateus e esses não rezam. O mais importante é não os deixar sozinhos. Se eu não estiver disponível, avisas a Cathy; ela sabe o que deve fazer.

A doutora Catherine Hope, residente do segundo nível, fora a primeira pessoa a dar as boas-vindas a Irina em nome da comunidade. Com sessenta e oito anos, era a mais nova dos residentes. Desde que ficara numa cadeira de rodas que optara por ter a assistência e a companhia que a Lark House lhe proporcionava, e já ali residia há dois anos. Nesse espaço de tempo tornara-se na alma da instituição.

– As pessoas idosas são as mais divertidas do mundo. Já viveram muito, dizem o que lhes vem à cabeça e estão a borrar-se para o que os outros pensam. Aqui nunca te vais aborrecer – disse a Irina. – Os nossos residentes são pessoas educadas e, se estiverem de boa saúde, continuam a aprender e a experimentar. Nesta comunidade existem estímulos e pode-se evitar o pior flagelo da velhice: a solidão.

Irina conhecia o espírito progressista das pessoas da Lark House, porque fora notícia em diversas ocasiões. Existia uma

lista de espera de vários anos para se ser admitido e seria ainda mais longa se muitos dos candidatos não tivessem falecido antes de chegar a vez deles. Aqueles idosos eram a prova contundente de que a idade, com as suas limitações, não impede as pessoas de se divertirem ou de participarem no bulício da existência. Vários deles, membros ativos do movimento Anciãos pela Paz, reservavam as sextas-feiras pela manhã para protestar nas ruas contra as aberrações e injustiças do mundo, especialmente as do império norte-americano, pelo qual se sentiam responsáveis. Os ativistas, entre os quais havia uma dama de cento e um anos, marcavam encontro numa esquina da praça do bairro em frente à esquadra da polícia, com as suas bengalas, andarilhos e cadeiras de rodas, empunhando cartazes contra a guerra e o aquecimento global, enquanto o público os apoiava dentro dos carros com buzinelas e assinando as petições que os furiosos bisavós lhes punham à frente. Os revoltosos apareceram por diversas vezes na televisão, enquanto a polícia, fazendo uma figura ridícula, tentava dispersá-los com ameaças de gás lacrimogéneo, que nunca se concretizavam. Emocionado, Hans Voigt mostrara a Irina uma placa colocada no parque em honra de um músico de noventa e sete anos, que morrera em 2006 preparado para a luta e num dia de sol, depois de sofrer um derrame cerebral fulminante enquanto protestava contra a guerra do Iraque.

Irina crescera numa aldeia da Moldávia habitada por velhos e crianças. Todos tinham falta de dentes, os primeiros porque os tinham perdido com o uso e os segundos porque estavam a mudar os de leite. Pensou nos seus avós e, como tantas vezes nos últimos anos, arrependeu-se de os ter abandonado. Na Lark House era-lhe dada a oportunidade de dar a outros o que não pudera dar-lhes a eles e, com esse propósito em mente, preparou-se para cuidar das pessoas a seu cargo. Rapidamente conseguiu a confiança de todos

e inclusive de alguns residentes do primeiro nível, os independentes.

Alma Belasco despertou-lhe a atenção desde o primeiro instante. Destacava-se das outras mulheres por causa do seu porte aristocrático e do campo magnético que a isolava do resto dos mortais. Lupita Farías garantia que Belasco não encaixava na Lark House, que ia ficar por muito pouco tempo e que a qualquer momento a viria buscar o mesmo motorista que a trouxera ali num *Mercedes Benz*. Mas os meses foram passando sem que tal acontecesse. Irina limitava-se a observar Alma Belasco de longe, porque Hans Voigt lhe ordenara que se concentrasse nas suas obrigações para com as pessoas dos segundo e terceiro níveis, sem se distrair com os independentes. Ela já estava bastante ocupada a atender os seus clientes – não se chamavam pacientes – e a aprender os pormenores do seu novo emprego. Parte da sua formação consistia em estudar os vídeos dos funerais recentes: uma judia budista e um agnóstico arrependido. Por seu lado, Alma Belasco não teria prestado atenção a Irina, se as circunstâncias não a tivessem convertido em pouco tempo na pessoa mais polémica da comunidade.

O francês

Na Lark House, onde havia uma deprimente maioria de mulheres, Jacques Devine era considerado uma estrela, o único galã entre os vinte e oito homens do estabelecimento. Chamavam-lhe o francês, não porque tivesse nascido em França, mas devido à sua requintada urbanidade – deixava passar primeiro as damas, afastava-lhes a cadeira e nunca andava de braguilha aberta –, e além disso podia dançar, apesar de ter as costas escoradas. Andava direito aos noventa anos graças a varetas, parafusos e porcas na coluna; restava-lhe ainda algum do seu cabelo encaracolado e sabia jogar às cartas, fazendo batota com desenvoltura. Tinha um corpo saudável, excetuando a artrite habitual, a tensão alta e a surdez evidente dos anos inverniais, e estava bastante lúcido, embora não o suficiente para se lembrar se tinha almoçado; por isso, estava no segundo nível, onde lhe era prestada a assistência necessária. Chegara à Lark House com a sua terceira esposa, que não conseguiu viver ali mais do que três semanas até ser atropelada na rua por um ciclista distraído. O dia do francês começava cedo: tomava banho, vestia-se e fazia a barba com a ajuda de Jean Daniel, um cuidador haitiano, atravessava o estacionamento apoiado na sua bengala, prestando muita atenção aos ciclistas, e ia ao Starbucks da esquina tomar o primeiro dos seus cinco cafés do dia. Divorciara-se uma

vez, enviudara duas e nunca lhe tinham faltado apaixonadas que seduzia com truques de ilusionista. Certo dia, há pouco tempo, calculara que se tinha apaixonado sessenta e sete vezes; registou-o no seu caderno de notas para não se esquecer do número, visto que começava a esquecer-se dos rostos e dos nomes dessas felizardas. Tinha vários filhos legítimos e um ilegítimo de uma mulher cujo nome não recordava, além de sobrinhos, todos uns ingratos, que contavam os dias para o verem partir para o outro mundo para herdarem os seus bens. Corria o rumor de que possuía uma pequena fortuna amealhada com muito arrojo e poucos escrúpulos. Ele mesmo confessava, sem sombra de arrependimento, que passara algum tempo na prisão, de onde trouxera tatuagens de embusteiro nos braços, que a flacidez, as manchas e as rugas tinham apagado, e que ganhara somas avultadas a especular com as poupanças dos guardas.

Apesar das atenções de várias senhoras da Lark House, que lhe deixavam pouco espaço para entusiasmos amorosos, Jacques Devine não resistiu aos encantos de Irina Bazili desde o primeiro dia em que a viu deambular com o seu quadrozinho de notas e o seu traseiro arrebitado. A rapariga não tinha nem uma gota de sangue caribenho, e por isso aquele traseiro de mulata era um prodígio da natureza, garantia o homem depois de beber o primeiro Martini, surpreendido por mais ninguém ter notado. Passara os seus melhores anos a fazer negócios entre Porto Rico e a Venezuela, onde ganhara o gosto de apreciar as mulheres por trás. Aquelas nádegas épicas tinham-lhe ficado gravadas para sempre na retina; sonhava com elas. Via-as por todo o lado, inclusive num sítio tão pouco propício como a Lark House e numa mulher tão magricela como Irina. A sua vida de ancião, sem projetos nem ambições, de repente ficou preenchida por aquele amor tardio e absoluto, o que alterou a paz das suas rotinas. Pouco tempo depois de a ter conhecido, demonstrou-lhe o seu entusiasmo

oferecendo-lhe um escaravelho de topázio e brilhantes, uma das poucas joias das suas defuntas esposas que conseguira salvar da rapinagem dos descendentes. Irina não quis aceitá-lo, mas a recusa dela fez com que a tensão arterial do apaixonado subisse até às nuvens e ela própria teve de o acompanhar durante a noite inteira no serviço de urgências do hospital. Com um saco de soro espetado na veia, Jacques Devine, entre suspiros e repreensões, confessou-lhe o seu sentimento desinteressado e platónico. Apenas desejava a companhia dela, alegrar a vista com a sua juventude e beleza, ouvir a sua voz diáfana, imaginar que ela também o amava, ainda que fosse como uma filha. Podia também gostar dele como de um bisavô.

No dia seguinte à tarde, de regresso à Lark House, enquanto Jacques Devine degustava o seu Martini ritual, Irina, com os olhos vermelhos e olheiras azuis, causados pela noite em claro, contou o imbróglia a Lupita Farías.

– Isso não é novidade nenhuma, miúda. Estamos sempre a surpreender os residentes em camas alheias, e não são só os avozinhos, também as senhoras. À falta de homens, as pobres têm de se contentar com o que há. Toda a gente precisa de companhia.

– No caso do senhor Devine trata-se de um amor platónico, Lupita.

– Não sei o que seja isso, mas se for o que imagino, não acredites. O francês tem um implante na pila, uma salsicha de plástico que incha com uma bombinha disfarçada nos tomates.

– Que estás para aí a dizer, Lupita! – riu Irina.

– Isso mesmo que tu estás a ouvir. Juro. Eu não vi, mas o francês fez uma demonstração ao Jean Daniel. É impressionante.

A boa mulher acrescentou, para aconselhar Irina, aquilo que tinha observado em muitos anos a trabalhar na Lark

House: a idade por si só não faz ninguém melhor nem mais sábio, simplesmente evidencia aquilo que as pessoas sempre foram.

– Sabes, um miserável não se torna generoso com os anos, Irina, torna-se mais miserável. Certamente Devine foi sempre um libertino e por isso agora é um velho fresco – concluiu.

Como não podia devolver o alfinete do escaravelho ao seu pretendente, Irina levou-o a Hans Voigt, que a informou acerca da proibição absoluta de aceitar gorjetas e prendas. A regra não se aplicava aos bens dos moribundos recebidos pela Lark House, nem aos donativos feitos por baixo da mesa pelos familiares para colocar um parente no topo da lista de candidatos a entrar, mas disso não se falou. O diretor recebeu o horrendo bicho de topázio para o devolver ao seu legítimo dono, como disse, e entretanto enfiou-o numa gaveta do seu escritório.

Uma semana mais tarde, Jacques Devine entregou a Irina cento e sessenta dólares em notas de vinte e desta vez ela dirigiu-se diretamente a Lupita Farías, que era partidária das soluções simples: devolveu-os à caixa de cigarros onde o galã guardava o dinheiro, certa de que ele não se recordaria de o ter retirado de lá nem de quanto tinha. Deste modo Irina solucionou o problema das gorjetas, mas não o das apaixonadas missivas de Jacques Devine, nem o dos seus convites para jantar em restaurantes caros, nem o do seu rosário de pretextos para a chamar ao quarto e para lhe contar factos exagerados que nunca tinham acontecido, e nem finalmente o da proposta matrimonial. O francês, tão ágil no vício da sedução, tinha regressado à adolescência, com a sua dolorosa carga de timidez, e em vez de se declarar pessoalmente deu-lhe uma carta perfeitamente legível, porque foi escrita no seu computador. O envelope continha duas páginas repletas de rodeios, metáforas e repetições, que podiam ser resumidas em poucos pontos: Irina renovara a sua energia e o seu desejo

de viver; podia oferecer-lhe uma vida confortável, por exemplo na Florida, onde havia sempre sol, e quando enviuvasse ficaria segura em termos económicos. A sua proposta, vista de qualquer dos ângulos, deixava-a sempre a ganhar, escreveu, pois a diferença de idade era uma vantagem a favor dela. A assinatura era um gatafunho. A jovem absteve-se de informar o diretor, por temer ver-se na rua, e deixou a carta sem resposta com a esperança de que tal proposta se eclipsasse da memória do noivo, só que desta vez a memória a curto prazo de Jacques Devine funcionou. Rejuvenescido pela paixão, continuou a mandar-lhe missivas cada vez mais urgentes, enquanto ela procurava evitá-lo, rezando a santa Parescheva para que o ancião desviasse a sua atenção na direção da dúzia de damas octogenárias que o perseguiram.

A situação foi-se agravando e acabaria por ser impossível de disfarçar caso um acontecimento inesperado não tivesse posto fim a Jacques Devine e, por arrasto, ao dilema de Irina. Nessa semana o francês tinha saído duas vezes de táxi sem dar explicações, uma coisa pouco habitual no caso dele, porque se perdia na rua. Acompanhá-lo fazia parte dos deveres de Irina, mas ele saiu às escondidas, sem dizer uma palavra sobre as suas intenções. A segunda viagem deve ter posto à prova a sua resistência, porque regressou à Lark House tão perdido e fragilizado que o motorista teve de o tirar do táxi quase ao colo e entregá-lo como uma encomenda à rececionista.

– O que é que lhe aconteceu, senhor Devine? – perguntou a mulher.

– Não sei, foi como se estivesse fora de mim – respondeu.

Depois de o examinar e de verificar que a tensão arterial estava normal, o médico assistente considerou que não havia necessidade de o mandar outra vez ao hospital e deu ordem para que descansasse e ficasse na cama durante dois dias, e informou ainda Hans Voigt de que Jacques Devine já não estava em condições mentais para continuar no segundo nível,

chegara a hora de o transferir para o terceiro, onde dispunha de assistência permanente. No dia seguinte, o diretor decidiu comunicar a mudança a Devine, uma tarefa que o deixava sempre com um sabor amargo na boca, porque ninguém ignorava que o terceiro nível era a antessala do paraíso, o andar sem retorno. Foi, porém, interrompido por Jean Daniel, o funcionário haitiano, que apareceu de rosto transfigurado com a notícia de que tinha encontrado Jacques Devine teso e frio quando fora ajudá-lo a vestir-se. O médico propôs que fosse feita uma autópsia, já que quando o examinara no dia anterior não notara nada que justificasse aquela desagradável surpresa, mas Hans Voigt opôs-se; que necessidade havia de lançar suspeitas sobre algo tão previsível como o falecimento de uma pessoa de noventa anos? Uma autópsia podia manchar a respeitabilidade intocável da Lark House. Ao saber o que acontecera, Irina chorou durante um bom bocado, porque apesar de tudo acabara por sentir carinho por aquele patético Romeu; no entanto, não conseguiu evitar um certo alívio, por se ver livre dele, e vergonha, por se sentir aliviada.

O falecimento do francês uniu o clube das suas admiradoras num único luto de viúva, embora lhes tenha faltado a consolação de organizar uma cerimónia, pois os parentes do defunto optaram pelo recurso expedito de incinerar os restos o mais rápido possível.

O homem teria sido rapidamente esquecido, inclusive pelas enamoradas, se a família não tivesse desencadeado uma tempestade. Pouco depois de terem sido espalhadas as cinzas sem alaridos emocionais, os presumíveis herdeiros verificaram que todos os bens do ancião tinham sido legados a uma tal de Irina Bazili. De acordo com uma breve nota anexa ao testamento, Irina dera-lhe ternura na última etapa da sua vida e por isso merecia ser sua herdeira. O advogado de Jacques

Devine explicou que o seu cliente lhe dera por telefone as indicações de alterações no testamento e depois apresentara-se duas vezes no seu escritório, primeiro para rever os papéis e, em seguida, para os assinar perante o notário, e que se tinha mostrado seguro do que queria. Os descendentes acusaram a administração da Lark House de negligência, perante o estado mental do ancião, e aquela Irina Bazili de o roubar com aleivosia. Deram a conhecer a sua intenção de impugnar o testamento, denunciar o advogado como incapaz, o notário como cúmplice e a Lark House por danos e prejuízos. Hans Voigt recebeu o tropel de parentes frustrados com a calma e a cortesia adquiridas ao longo de muitos anos a dirigir a instituição, embora por dentro fervesse de raiva. Não esperava semelhante embuste de Irina Bazili, que julgava incapaz de matar uma mosca, mas estamos sempre a aprender, não podemos confiar em ninguém. Num aparte perguntou ao advogado qual a quantia de dinheiro e descobriu que afinal o que existia eram umas terras secas no Novo México e ações de várias companhias, cujo valor não estava ainda avaliado. A soma em dinheiro vivo era insignificante.

O diretor pediu vinte e quatro horas para negociar uma saída menos dispendiosa do que lutar na justiça e convocou perentoriamente Irina. Pensava gerir o imbróglio com luvas de pelica. Não era conveniente para ele desentender-se com aquela rameira, mas quando se viu diante dela perdeu as estribeiras.

– Muito gostava eu de saber como raios conseguiste enganar o velho! – repreendeu-a.

– Está a falar de quem, senhor Voigt?

– De quem havia de ser?! Do francês, evidentemente! Como é que isto pôde acontecer debaixo do meu próprio nariz?

– Desculpe, não lhe disse nada para não o preocupar, pensei que o assunto se iria resolver por si só.

– Ah, sim, e resolveu-se muito bem! Que explicação vou eu dar à família?

– Não há nenhuma razão para o saberem, senhor Voigt. Os anciãos enamoram-se, o senhor sabe disso, mas as pessoas de fora sentem-se chocadas.

– Dormiste com o Devine?

– Não! Como pode pensar uma coisa dessas?

– Então não percebo nada. Porque é que ele te nomeou sua herdeira universal?

– O quê?

Abismado, Hans Voigt percebeu que Irina Bazili não tinha conhecimento das intenções do homem e que ela era a mais surpreendida com o testamento. Ia avisá-la de que seria muito difícil ficar com algum dinheiro, porque os herdeiros legítimos lutariam até ao último centavo, mas ela anunciou à queima-roupa que não queria nada, pois seria um dinheiro mal ganho e traria má sorte. Jacques Devine tinha perdido o juízo, disse, como qualquer pessoa na Lark House podia testemunhar; o melhor seria resolver as coisas sem conflitos. Um diagnóstico de demência senil passado pelo médico seria suficiente. Irina teve de repetir tudo para que o desconcertado diretor compreendesse.

De pouco serviram as precauções para manter a situação em segredo. De um dia para o outro todos tiveram conhecimento do que acontecera e Irina Bazili passou a ser a pessoa mais polémica da comunidade, admirada pelos residentes e criticada pelos funcionários latinos e haitianos, para quem recusar dinheiro era pecado. «Não cuspas para o ar, que pode cair-te em cima», sentenciou Lupita Fárias, e Irina não conseguiu encontrar uma tradução para romeno deste criptográfico provérbio. O diretor, impressionado com o despreendimento desta modesta imigrante de um país difícil de localizar no mapa, passou-a a efetiva, com quarenta horas semanais e com um ordenado superior ao da antecessora; além

disso, convenceu os descendentes de Jacques Devine a darem a Irina dois mil dólares como forma de agradecimento. Irina não chegou a receber a soma prometida, mas como era incapaz de a imaginar, rapidamente essa ideia lhe saiu da cabeça.